Aprendizagens pela produção de vídeo por celular: aprendendo a conhecer, a fazer, a viver junto e a ser[1]

Rosana Alves de Oliveira[2]
Fundação Universidade do Tocantins - Unitins, Palmas, TO

RESUMO

O presente artigo traz um recorte da dissertação de mestrado defendida no PPGE/UnB em 2013, que entre os objetivos, identificou as aprendizagens desenvolvidas com a experiência educomunicativa de produção de vídeo por celular. Os sujeitos interlocutores são sete jovens, com idade entre 13 e 17 anos, moradores de bairros populares, estudantes de escolas públicas, participantes das atividades do projeto Telinha de Cinema na cidade de Palmas - TO. A sustentação teórica e analítica fundamentou-se nos quatro pilares para a educação do século XXI propostos pelo Relatório Delors. Os resultados e as discussões, obtidos a partir de uma abordagem qualitativa, revelam que pela experiência com produção de vídeo os jovens são incentivados a aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser.

PALAVRAS-CHAVE: jovens; vídeo por celular; aprendizagens.

Os jovens e a produção de vídeo por celular

Em Palmas, capital do Tocantins, o projeto *Telinha de Cinema – tecnologia, educação & arte*, desenvolvido pela *Associação de Educação Cultura e Meio Ambiente Casa da Árvore*, mais conhecida como *ONG Casa da Árvore*, atende a estudantes com idade entre 13 e 18 anos, motivando a produção audiovisual com o uso do aparelho celular para criação de vídeos de bolso[3].

Os jovens integrados ao *Telinha de Cinema* são estudantes de escolas públicas da região onde o projeto está inserido – em Palmas, no Jardim Aureny I, alcançando as escolas

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestre em Educação pela UnB, produtora de vídeo educativo na Unitins. Atualmente é professora da disciplina Educomunicação no Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFT. email: rosanacomunique@gmail.com

[3] Vídeo de bolso, no inglês *pocket movie*, são vídeos produzidos, editados e distribuídos com telefones celulares. Podem ser chamado também de micrometragem, formato de vídeo considerado como nova linguagem do cinema, com duração de até três minutos e produzidos com uso de tecnologias digitais.

de bairros próximos (Aureny II, III, IV, Taquaralto, entres outros da região sul e que não fazem parte do Plano Diretor[4]).

O curso regular de vídeo de bolso ofertado pelo *Telinha de Cinema* tem duração de quatro meses, totalizando aproximadamente 140 horas. As atividades são realizadas no contraturno escolar e compreendem aulas de roteiro, produção e edição. Os encontros acontecem no Espaço Telinha (sede das atividades dos projetos desenvolvidos pela *ONG Casa da Árvore*), que dispõe de laboratório multimídia, minicinema, sala de aula, biblioteca e aparelhos celulares. Todas as atividades são monitoradas por uma equipe de educomunicadores.

Nessa perspectiva, o presente estudo procura identificar as aprendizagens desenvolvidas com a experiência educomunicativa de produção de vídeo por celular.

As aprendizagens, enquanto sustentação teórica e analítica são discutidas a partir dos quatro pilares para a educação do século XXI propostos pelo Relatório Delors (DELORS, 2001), uma vez que as produções audiovisuais analisadas são produzidas num projeto que objetiva o *aprender a fazer*. Nesse contexto, os jovens produzem vídeos e vivenciam relações interpessoais com colegas, o *aprender a viver juntos* e podem fazer constantes descobertas, o *aprender a conhecer* e, com o desenvolvimento desses conhecimentos, estão obtendo uma aprendizagem baseada no *aprender a ser*.

Aprendizagens: pilares para a educação do século XXI

> *À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.*
>
> (Delors, 2001, p. 89).

O *aprender a conhecer*, *aprender a fazer*, *aprender a viver juntos* e *aprender a ser* constituem os quatro pilares fundamentais para a educação do século XXI, recomendados pelo Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação e apresentados para UNESCO, em 1996. Conhecido como Relatório Delors, assim chamado por ter sido idealizado pelo intelectual francês Jacques Delors, o documento define como essencial para uma educação plena a promoção integrada desses quatro pilares. Pensados como dimensões indissociáveis,

[4] "A formação estrutural da capital é apresentada no plano diretor de modo ortogonal. Criando-se grandes distâncias distribuídas latitudinalmente, determinadas por uma zona central político administrativa, a Praça dos Girassóis, com duas principais vias de acesso à Avenida Juscelino Kubitschek (Av. JK) e Avenida Joaquim Teotônio Segurado." (CARVALHÊDO; LIRA, 2009, p. 3)

cada um dos pilares contribui para que os sujeitos adquiram conhecimento em um processo contínuo.

> *Aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. (DELORS, 2001, p.90)

O primeiro pilar, *aprender a conhecer*, é essencialmente a aprendizagem que se dá de forma mais espontânea, sem cobranças e que se processa nas mais diversas circunstâncias. Dessa forma, o *aprender a conhecer* "permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir" (DELORS, 2001, p. 91).

O segundo pilar, *aprender a fazer*, parte da concepção de colocar a prática como meio para se alcançar o conhecimento. É também um dos princípios da educação com as mídias ao indicar que se aprende mais sobre mídias fazendo mídias, pois, como pontua Von Feilitzen (2000, p. 25), "a participação nas mídias 'reais' fortalece a habilidade, e curiosidade das crianças lhes dá uma compreensão crítica da mídia e aumenta as suas competências" (tradução nossa). Desse modo, ao *aprender a fazer*, os sujeitos podem mostrar seu poder criativo e comunicativo para se expressar e, dessa maneira, estão sendo preparados para enfrentar as diversas situações que vivenciam tanto no mundo do trabalho quanto social.

> Além da aprendizagem de uma profissão, há que adquirir uma competência mais ampla, que prepare o indivíduo para enfrentar numerosas situações, muitas delas imprevisíveis, e que facilite o trabalho em equipe, dimensão atualmente muito negligenciada pelos métodos pedagógicos. Estas competências e qualificações tornam-se, muitas vezes, mais acessíveis, se quem estuda tiver possibilidade de se pôr à prova e de se enriquecer, tomando parte em atividades profissionais e sociais, em paralelo com os estudos. Daqui, a necessidade de atribuir cada vez maior importância às diferentes formas de alternância entre escola e trabalho. (DELORS, 2001, p. 20)

O terceiro pilar, *aprender a viver juntos*, visa ações para que as pessoas e/ou grupos façam a descoberta do outro e em uma dimensão mais abrangente como pensada pela

comissão que elaborou o Relatório Delors, capaz de estimular um 'espírito novo' nos cidadãos do século XXI.

> Aprender a viver juntos, desenvolvendo o conhecimento acerca dos outros, da sua história, tradições e espiritualidade. E a partir daí, criar um espírito novo que, graças precisamente a esta percepção das nossas crescentes interdependências, graças a uma análise partilhada dos riscos e dos desafios do futuro, conduza à realização de projetos comuns ou, então, a uma gestão inteligente e apaziguadora dos inevitáveis conflitos. Utopia, pensarão alguns, mas utopia necessária, utopia vital para sair do ciclo perigoso que se alimenta do cinismo e da resignação. (DELORS, 2001, p. 19)

Esse descobrir o outro, como colocado por Woodward (2007, p. 97), é perceber que "o outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente". Como diferentes cada 'um' e cada 'outro' ao integrar um projeto deve ser considerado como indispensável à sua realização, pois os resultados nascem da ação grupal.

> A modificação profunda dos quadros tradicionais da existência humana coloca-nos perante o dever de compreender melhor o outro, de compreender melhor o mundo. Exigências de compreensão mútua, de entreajuda pacífica e, por que não, de harmonia são, precisamente, os valores de que o mundo mais carece. (DELORS, 2001, p. 19)

Também para o sociólogo francês Bernard Charlot, é pela interação e pela mediação com o *outro* que o sujeito aprende e torna-se singular e social. Ao descobrir o outro, sua cultura, seus valores, toma consciência das diferenças culturais – que denomina como *mundialização-solidariedade* – processo pelo qual entra *na* cultura, entrando *em* uma cultura, nesse caso, a cultura do outro (CHARLOT, 2005).

Nesse sentido, Charlot (2000, p. 72) percebe o 'aprender' em uma dimensão identitária em que, "qualquer que seja a figura sob a qual se apresente, sempre está em jogo a construção de si mesmo e seu eco reflexivo, a imagem de si". Sob esse ponto de vista, o aprender é compreendido como um movimento interior, que surge pelo desejo, mas que se processa em uma ação exterior, na relação com o outro.

> Se esses jovens devem, desse modo, conquistar essas aprendizagens, é para ingressar em um mundo humano, habitar este mundo, nele desenvolver competências e encontrar referências, construir suas relações com os outros, construir a si próprios como sujeitos humanos e se fazer reconhecer como tais. (CHARLOT, 2001, p. 147)

Visto dessa forma, a proposta do *aprender a viver juntos*, como pensando por Charlot (2001) e Delors (2001), coloca o sujeito que aprende como um *ser* ao mesmo tempo singular e social que, pelo processo de trocas, conhece a *si próprio*, ao mundo e ao *outro* (CHARLOT, 2001).

O quarto e último pilar, a*prender a ser*, conjetura uma aprendizagem que se associa ao preceito de que os sujeitos precisam conhecer a si e a sociedade, absorver e gerar conhecimentos, enfim posicionar-se como cidadão e se representar como tal.

> ‘Aprender a ser’ no alvorecer do século XXI é orientar-se, primordialmente, pelo respeito da pessoa humana nas relações sociais e políticas, na relação entre o homem e a natureza, na confrontação de civilizações e economias. Tentando compreender o real – o homem e o mundo – é preciso aprender as interdependências que criam a necessidade de solidariedades. Estas solidariedades não pertencem ao mundo das boas intenções, mas resultam das dificuldades do nosso tempo. Situam-se em níveis diferentes e correspondem a comunidades de tamanhos diversos. (DELORS, 2001, p. 230)

Desse modo, à medida que projetos que incentivam a produção audiovisual estimulam o senso crítico, levando os sujeitos a perceberem não apenas o óbvio em uma narrativa, mas tudo que ela carrega de ideologia política, de estímulo ao consumo, incitação à violência, conceitos de gênero, sexualidade, regionalidade e/ou nacionalidade, participam significativamente do que recomenda o Relatório Delors. O documento traz que “todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida” (DELORS, 2001, p. 99).

Charlot (2000, 2001, 2005) igualmente defende o aprender como algo que se processa por toda a vida e é impulsionado pela necessidade de tornar-se humano (humanização), social (socialização) e singular (singularização). Acentua ainda que “o que é aprendido só pode ser apropriado pelo sujeito se despertar nele certos ecos: se fizer sentido para ele” (CHARLOT, 2001, p. 21). Esses sentidos, conforme o estudioso, mobilizam o sujeito a querer aprender, revelando-se como o movimento interno que desperta o desejo em conhecer algo.

> Uma aprendizagem só é possível se for imbuída do desejo (consciente ou inconsciente) e se houver um envolvimento daquele que aprende. Em outras palavras: só se pode ensinar a alguém que aceita aprender, ou seja, que aceita investir-se intelectualmente. (CHARLOT, 2001, p. 76)

Charlot (2001, p. 57) sublinha ainda que o *aprender* não se restringe a saberes escolares e intelectuais, já que "existem maneiras de aprender que não consistem em apropriar-se de um saber, entendido como conteúdo de pensamento; [...], ao mesmo tempo em que se procura adquirir este tipo de saber, mantém, outras relações com o mundo". Por essa visão sociológica, o sujeito assume sua condição de humano, ao mesmo tempo em que traz sua singularidade, mostra-se também social, constituindo, assim, sua identidade.

Gonnet (2004, p. 97), analisando as recomendações do Relatório Delors, destaca que "as mídias aparecem nesta ótica como uma ferramenta excepcional de ligação, ao mesmo tempo como uma passarela entre gerações e como um instrumento de atualização de conhecimento". Por essa razão, aposta nos resultados da educação para as mídias quando realizada ao longo da vida.

As aprendizagens pela produção de vídeo por celular

Para o levantamento de dados, foram utilizados questionário e a entrevista individual semiestruturada que, associados à observação não participante, constituem os instrumentos da pesquisa. Os dados foram organizados e interpretados por meio da técnica de análise de conteúdo.

Para identificar as aprendizagens decorrentes da experiência com produção de vídeo, buscamos primeiramente identificar as motivações que levaram os jovens a desejarem conhecer a linguagem audiovisual com a experimentação do dispositivo móvel (celular).

Suas respostas à pergunta lançada no questionário "O que me motivou a fazer vídeo por celular foi?" (questão de complementação de frases) indicam que, inicialmente, o interesse surgiu da vontade em explorar melhor um recurso do aparelho celular que já era por eles conhecida – a câmera.

> Eu tinha vontade de saber mais. Porque eu sabia que dava pra fazer vídeo melhor do que eu fazia. (Rodrigo, 15)

> Fazer vídeo por celular é algo novo e diferente, então também quero fazer. Eu queria conhecer...entender essas técnicas e eu não entendia sobre isso, agora eu sei. (Susana, 15)

> Eu ainda não tinha esse conhecimento sobre como fazer e divulgar vídeos com celular e eu achei que eu ia aprender aqui no *Telinha*. (Mário, 14)

> Queria descobrir novas coisas, porque eu sabia que fazia vídeo legal com o celular, mas os meus não ficavam bons. Então, eu tinha vontade de aprender mais e com o celular é muito diferente. (Jonas, 17)

Percebemos, em suas falas, que conhecer sobre produção audiovisual implica, em primeiro nível, a questão da apropriação da técnica, ou seja, do como fazer, que está diretamente relacionada ao aprender a fazer.

Encontramosnos depoimentos de Fernanda e Paulo, como sendo os principais motivadores para aprender a produzir vídeo por celular as características de *praticidade*, *facilidade*, *rapidez* e *mobilidade* que o próprio dispositivo tecnológico oferece enquanto meio para produção:

> Fazer vídeo com o celular é mais prático, fácil e rápido. Por isso eu tive vontade de conhecer mais. (Fernanda, 16)

> Meu interesse é devido à facilidade de mobilidade do aparelho celular. Como tô sempre com ele, eu filmo onde tiver. É mais fácil! (Mário, 14)

André (16) viu nos recursos para produção por celular um meio para exercitar a criatividade:

> Eu quis participar do *Telinha* porque soube que ia aprender a usar melhor o celular para fazer vídeo e eu sempre percebi a criatividade como se produz por meio desse aparelho.

Filmar com a câmera do celular é uma prática rotineira para a maioria dos usuários desse dispositivo móvel, e os jovens sujeitos desta pesquisa, como percebido por suas motivações para produzirem vídeo por celular, não fogem a essa regra. Eles também, em seus momentos de lazer, no cotidiano familiar, escolar ou mesmo de individualidade, já testaram suas *cellcams*. Em seus depoimentos, assinalam que essa produção espontânea tem significado diferente em relação à produção realizada como atividade no projeto.

Questionados se já haviam produzido vídeo usando o celular, respondiam inicialmente que não e, em seguida, explicavam que já haviam feito algumas experimentações, mas não como proposto no *Telinha*.

> Já tinha produzido, só que assim filmando direto, sem parar e sem editar. Do jeito que filmava, ele ficava. (Fernanda, 16)

> Tinha feito vídeo com um colega, mas não assim...filmando... editado... No vídeo, eu tô tocando teclado e cantando. (André, 16)

> Eu só filmava algumas coisas, mas não pra editar, isso eu não sabia. É que lá em casa nós gostamos muito de dançar, então eu filmava as meninas dançando. Só isso mesmo. Era com o celular, mas não era pra editar. (Susana, 15)
>
> Eu sempre fazia vídeo, mas só montagem de fotos pra tipo aniversário, aí eu botava frases, essas coisas...mas assim com celular não. (Jonas, 17)
>
> Não tinha feito. Quer dizer, tinha feito um vídeo sem editar. Meus tios não tinham ido para uma reunião da família, aí eu filmei pra eles verem no outro dia. (Rodrigo, 15)

Ou seja, a partir do momento que passaram a produzir vídeos usando o celular como uma atividade planejada e orientada, aproximaram essa experiência de um conhecimento pragmático, acentuado especialmente pela habilidade técnica e pela sensibilidade estética que desenvolveram pelo aprender fazendo.

> Assim...na primeira vez que eu ouvi falar, eu achei que fosse difícil, mas depois que você tá fazendo, você vê que não é difícil não. (Susana, 15)
>
> Bom...depois do que eu aprendi aqui, eu acredito que ficou mais fácil a produção do vídeo pelo celular. É uma forma bem diferente, é criativa, é bem interessante. (André, 16)

Observamos que a motivação em conhecer mais sobre produção de vídeo por celular teve como ponto de partida a vontade dos jovens em descobrir algo novo e de fazerem dessa descoberta um conhecimento a ser buscado constantemente, conforme pode ser notado pelos depoimentos de Jonas e Rodrigo:

> Eu gostei, então vou continuar. Eu penso até na forma profissional. Gosto muito de edição, colocar as trilhas, essas coisas. (Jonas, 17)
>
> Tipo no currículo das pessoas são poucas coisas, né. Tem tipo só aula de informática, aí tipo eu vou ter uma coisa nova para botar no meu currículo. E eu quero sempre aprender mais. Ficar bom nisso! (Rodrigo, 15)

Fernanda, André e Jonas também reforçam a compreensão de que conhecer mais sobre produção de vídeo por celular significou uma forma de conhecimento:

> O bom de tudo é que pude conhecer e desenvolver novas ideias. (Fernanda, 16)
>
> Quando eu produzo os vídeos, eu posso mudar algo, questionar e expressar sentimentos. E isso só consigo porque aprendi. (André, 16)
>
> Aqui, além de me divertir, conheci coisas novas. (Jonas, 17)

As atividades promovidas pelo *Telinha de Cinema* sempre precediam de uma aula teórica sobre o assunto. Nesses momentos, os educomunicadores traziam exemplos e procuravam despertar o interesse dos alunos em conhecer mais sobre a etapa da produção audiovisual a ser desenvolvida (roteiro, produção e edição). Posterior a esse momento inicial, os alunos eram desafiados a colocar em prática o que havia sido discutido.

O processo fundamentado no aprender a fazer pode ser observado nas respostas que deram à pergunta: "O que você achou da experiência de produzir? É diferente de assistir, ouvir ou ler?" Os jovens destacam que participar de uma atividade assumindo o papel de produtor os torna mais incentivados *a fazer*, pois percebem que passam a deter habilidades e competências para criação e produção do audiovisual.

> É diferente de tudo, é uma experiência nova. Eu gosto de ler livros, assistir, mas, agora que eu conheço sobre produção de vídeo pelo celular, eu fiquei mais interessada. (Susana, 15)
>
> É diferente porque aqui a gente que faz e na TV os outros que fazem. (Mário, 14)
>
> A gente assistindo é uma coisa, a gente produzindo fica mais real. (Jonas, 17).
>
> É bom, porque a gente aprende como faz e só vendo a gente não aprende. Fazendo é bem melhor. (Fernanda, 16)
>
> Fazendo meu próprio vídeo, eu tenho a chance de aprender mais. (Rodrigo, 15)
>
> Quando você produz, vê todo o processo e entende, e vai saindo várias ideias, fluindo e você vai produzindo o vídeo. (André, 16)

Paulo (13) cita, como exemplo dessa aprendizagem baseada no aprender a fazer, o exercício de produção em *stop motion.* Para o jovem, a aprendizagem da técnica foi possível por terem experimentado o processo de criação:

> Achei interessante aprender sobre *stop motion*, eu não sabia que dava para fazer vídeo desse jeito, fotografar um objeto e sair o movimento e nós fizemos o *Adolfo, a vida de um verme*. Foi bem trabalhoso, mas por isso que entendemos como fazer.

Com a oportunidade de aprender fazendo, os jovens viam-se diante da possibilidade do erro, mas, ao assumir o risco, exercitavam a aprendizagem prática da produção de vídeo por celular.

> É um pouco difícil, a ideia não é fácil, mas a gente ia fazendo até ficar bom. (Jonas, 17)

> Eu gostei muito de produzir, por ser uma coisa que eu nunca tinha feito. Era só se dedicar e a gente conseguia. O que achei melhor foi editar e atuar. O roteiro também. É difícil ter a ideia, mas escrever é fácil. Fazer vídeo pelo celular não é difícil. Não existem segredos, é simples. (Paulo, 13)

Para identificar se os jovens perceberam mudanças em seus 'modos de ser' enquanto sujeitos (CHARLOT, 2000, 2001, 2005), lançamos a pergunta: "Você acha que mudou alguma coisa depois dessa experiência com produção de vídeo?". Na fala de André (16), percebemos que o jovem atribui a si uma nova condição de sujeito-reflexivo:

> Geralmente eu ia comprar um DVD e escolhia qualquer um, agora eu me interesso mais por filmes que passam alguma mensagem. Assisto vários filmes, mas eu gosto mais dos que têm alguma concepção, daí eu observo como é produzido.

Tal transformação resultante do processo de *aprender* é, pela visão de Charlot (2005, p. 71), decorrente do fato de que "aprender é mudar [...] não se pode aprender sem mudar pessoalmente, porque, se estou aprendendo coisas que tem um sentido, vou mudar minha visão do mundo, minha visão da vida. Pelo menos um pouco".

Assim, quando André (16) diz "daí eu observo como é produzido", sinaliza que apreendeu o que a proposta da educomunicação sugere como educação para as mídias, na qual o objetivo, como explica Gonnet (2004, p. 23), é "facilitar um distanciamento, pela tomada de consciência do funcionamento das mídias, tanto de seus conteúdos como da contextualização dos sistemas nos quais elas evoluem".

Para Paulo (13), sua participação no projeto e os resultados dessa atividade fizeram com que as pessoas passassem a vê-lo de maneira diferente:

> Antes do *Telinha*, eu ficava só à toa na rua. Acordava cedo e não tinha o que fazer. Agora tenho, eu agora faço vídeo.

Identificamos ainda que, para os jovens, produzir em colaboração e como uma atividade orientada contribuiu para o desenvolvimento de potencialidades e aptidões. Entre essas potencialidades, Jonas (17) ressalta que se tornou mais criativo:

> Fez eu ter mais ideia. Eu não tinha essas ideias que nem eu tô tendo agora pra inventar vídeo.

A aspirante à atriz, Susana (15) enfatiza especialmente o desenvolvimento de sua expressividade:

> Eu gosto muito de teatro e aí me soltei mais, porque eu era muito tímida e agora, na parte de filmar, eu sempre quero tá lá aparecendo. Eu gosto de ser atriz, e isso me deixa mais expressiva.

Rodrigo (15) destaca que aprendeu a ser mais sociável:

> Como a gente quase não conhece ninguém, cada vez que você vai conhecer uma pessoa nova, eu acho legal. Aqui no *Telinha* foi fácil fazer os vídeos com o pessoal.

Já André e Mário passaram a projetar planos para um futuro profissional:

> Eu fui vendo e fui achando muito interessante, então, como eu já tenho a base, acho que vou continuar fazendo. (André, 16)

> Com o que eu aprendi aqui, eu posso me profissionalizar nessa área. (Mário, 14)

Os depoimentos dos jovens revelam que a experiência decorrente do aprender a produzir vídeo por celular alcançou a "missão de fazer com que todos, sem exceção, façam frutificar os seus talentos e potencialidades criativas, o que implica, por parte de cada um, a capacidade de se responsabilizar pela realização do seu projeto pessoal" (DELORS, 2001, p. 16). Em outras palavras, ao se tornarem mais *criativos, expressivos, sociáveis e idealizadores de seus projetos de vida*, os jovens são levados "a tomar consciência de si próprio [...] e a desempenhar o papel social que lhes cabem" (DELORS, 2001, p. 18).

Considerações finais

O objetivo proposto neste estudo foi identificar as aprendizagens desenvolvidas com a experiência educomunicativa de produção de vídeo por celular. Pela análise, notamos que os sujeitos ao participarem das atividades tiveram acesso ao conhecimento artístico e tecnológico e, dessa forma, desenvolveram habilidades que lhes permitiram ampliar sua relação com o aprendizado, uma vez que se parte do pressuposto de que o aprender sobre mídias fazendo mídia torna-se prazeroso e estimulante para quem dessa experiência participa.

Vimos, ao longo da pesquisa, que, ao discutirem os elementos que compõem o vídeo, os jovens foram formulando ou reformulando seus conceitos sobre a linguagem

audiovisual. Nesse processo, envolveram-se em atividades que estimulam as aprendizagens colocadas pelo Relatório Delors como fundamentais para formação de sujeitos críticos e, assim, mais preparados para posicionarem-se como cidadãos do século XXI.

Considerando o *aprender a conhecer* "como um meio e como uma finalidade da vida humana" (DELORS, 2001, p. 90), observamos que os jovens, ao aproveitarem as possibilidades que a produção de vídeo por celular lhes oferece como meio para se comunicar, tornaram-se mais seletivos em suas decisões e ampliaram o senso crítico. Desse modo, tornaram-se mais abertos a *aprender* ao longo da vida, em um ciclo contínuo e cumulativo, no qual precisam ser sempre os sujeitos ativos do processo da aprendizagem.

Pelo *aprender a fazer*, levantamos que os jovens encontraram nesse conhecimento prático não apenas a competência para agir como produtores de vídeo por celular, mas também para alcançar o que Von Feilitzen e Bucht (2002, p. 120) percebem como "um maior conhecimento de como a mídia funciona".

Vivenciando momentos de descobertas em suas experimentações e nesse exercício prático compartilhando trocas com jovens que conheceram em razão da proposta educomunicativa, tiveram a chance de *aprender a viver juntos.* Em torno dessa interação interpessoal, observamos que os jovens foram aos poucos aprendendo a valorizar não apenas as suas próprias habilidades, mas também buscavam nas habilidades do *outro* construir uma relação de mútua colaboração.

Estimulados a *conhecer*, a *fazer* e a *viver juntos*, os jovens vão conquistando a aprendizagem que integra esses três pilares do conhecimento, o *aprender a ser.* Como revelado por suas narrativas, durante todo o processo de experimentação da linguagem audiovisual por celular, foram conhecendo suas potencialidades, buscando superar limitações e, assim, construindo a autoconfiança indispensável para projetar sonhos e reconhecer-se diante de si próprio e da comunidade da qual fazem parte.

Acreditamos que as aprendizagens reforçadas pela experiência colaboraram para que os jovens tornem-se cidadãos envolvidos com os acontecimentos que passam ao seu redor e sempre abertos a aproveitar as oportunidades que o *conhecer, fazer, viver juntos e ser* lhes proporcionam nesse cenário de constantes mudanças que se apresenta neste início de século.

Referências bibliográficas

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

CARVALHÊDO, W. S.; LIRA, E. R. *A cidade planejada e a segregação sócio-espacial urbana*: o estudo de Palmas – TO. In: 12º Encuentro de Geógrafos de America Latina, Uruaguay. 2009. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area05/5106_CARVALHEDO_Wlisses_dos_Santos.pdf> Acesso em 08 nov. 2011.

CHARLOT, B. *Relação com o saber, Formação de Professores e Globalização*: questões para a educação hoje. 1ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

_____. *Os Jovens e o Saber, Perspectivas Mundiais* (org.). 1ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2001

_____. *Da relação com o saber, elementos para uma teoria*. 1ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

DELORS, J. (Org). *Educação*: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 6ª ed., São Paulo: MEC/UNESCO/Cortez, 2001.

GONNET, J. *Educação e mídias*. São Paulo: Loyola, 2004.

UNESCO. *Políticas públicas de/para/com as juventudes.* – Brasília: UNESCO, 2004.

VON FEILITZEN, C. Aprender haciendo: reflexiones sobre la educación y los medios de comunicación. *Comunicar* - Revista Científica de Educomunicación, nº 18, 2002. Disponível em:<http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=18&articulo=18-2002-04> Acesso em 24 fev. 2012.

_____. Educação para a Mídia, Participação Infantil e Democracia. In: VON FEILITZEN, C.; CARLSSON, U. (Org). *A criança e a mídia*: imagem, educação, participação. Brasília, DF: UNESCO; São Paulo: Cortez, 2002.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2007.